

A ANÁLISE DO DISCURSO NA NARRATIVA DE UM CERIMONIAL MILITAR: O CASO TENENTE CAMARGO

Ronaldo Zatta *

RESUMO:

A intenção deste artigo é oferecer subsídios para discussão da primeira ação armada contra o Regime Militar no Brasil, episódio que ficou conhecido como a Guerrilha do Coronel Cardim no ano de 1965. Valendo-se de uma fonte documental oficial, a narrativa que expõe a versão institucional, e de sua derradeira utilização em cerimonial militar em 2006, por ocasião do traslado dos restos mortais do herói Tenente Camargo, almejou-se empregar a Análise do Discurso como método de apreciação deste texto litúrgico/ideológico problematizando as suas finalidades políticas vinculadas ao contexto histórico que perdurou por mais de quatro décadas.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Exército e Cerimonial.

ABSTRACT:

The intention of this article and offer subsidies for discussion of the first military action against the Military Regime in Brazil, episode that became known as the guerrillas in the Coronel Cardim in year 1965. Utilizing a documental source journal, the narrative that exposes the institutional version, and its ultimate use in ceremonial military in 2006, on the occasion of the transfer of the mortal remains of the hero Lieutenant Camargo, called to determine the use of Discourse Analysis as a method of assessing this liturgical text/ideological problematizing its political purposes related to the historical context that lasted more than four decades.

Key-words: Discourse Analysis, Army and ceremonial.

Considerações Iniciais

Guardando as devidas adaptações, este texto contém parte da discussão teórica erguida através da disciplina de Análise do Discurso, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, que possibilitou embasamento teórico para análise de uma experiência histórica ímpar da qual me percebi envolvido por ocasião da prestação de serviço militar obrigatório no Exército brasileiro em 2006.

Como dito, em novembro de 2006 enquanto prestava serviço militar no aquartelamento do Exército Brasileiro sediado na cidade de Francisco Beltrão no sudoeste paranaense, em específico no 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, por ser acadêmico de História fui designado juntamente com outros militares a compor a equipe

* Graduado em História pela UNIPAR-Campus de Francisco Beltrão - Pr, Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e Doutorando em História pela (UFPR) Universidade Federal do Paraná. ronaldozatta@yahoo.com.br.

de auxiliares do Curador do Museu Militar Tenente Camargo. Na época o museu estava aguardando autorização do Estado Maior do Exército para funcionamento, no entanto, o acervo se encontrava à amostra para visitantes e interessados. Por motivos ignorados o Estado Maior do Exército jamais autorizou o funcionamento do museu, tendo a partir de 2010 seu espaço físico ocupado por secções burocráticas militares. Sendo que seu acervo foi acomodado em depósito ou porões, e em algumas situações mais nobres expostos em salas internas como peças decorativas.

Relevante para este artigo é que durante o período em que prestei serviço militar fui encarregado de auxiliar o curador do museu nos trabalhos de exumação dos restos mortais do herói que deu nome ao museu. Durante estes serviços obtive acesso a um documento/texto/narrativa que relata o episódio em que faleceu o Tenente Camargo, considerado o herói militar da Operação de Contraguerrilha em 1965. Trata-se de uma breve biografia do então Sargento Carlos Argemiro de Camargo, promovido postumamente ao posto de Tenente Camargo. O documento em anexo é um discreto relato do combate produzido pelos militares em que contam a versão oficial das operações realizadas no sudoeste do Paraná no ano de 1965, por ocasião do confronto com a tropa guerrilheira comandada pelo Coronel Jeferson Cardim de Alencar Osório.

Este documento foi produzido no ano de 1977 e se tornou um padrão a ser lido anualmente nas formaturas militares em homenagem ao herói. Como visto nas anotações/rasuras no documento que segue em anexo, com o passar dos anos altera-se o nome da Organização Militar local, a data, mas se mantêm o texto/discurso a ser explanado aos civis e militares que presenciavam os cerimoniais. Ou seja, mantêm-se o discurso a ser transmitidos aos ouvintes.

Em novembro de 2006, por ocasião do traslado dos restos mortais do Tenente Camargo que se encontravam depositados no Cemitério Municipal de Francisco Beltrão para a Praça Tenente Camargo, localizada dentro do aquartelamento daquela cidade, tive a oportunidade de acompanhar o derradeiro uso político deste discurso direcionado ao público interno e externo à caserna.

Para se analisar um discurso segundo a perspectiva foucaultiana, deve-se fugir das interpretações fáceis, unívocas ou que buscam encontrar o “oculto”, o distorcido, o cheio das “reais” intenções ou conteúdos e/ou representações imediatamente não vistas nos textos. Mas sim, analisar as relações históricas, concretas e vivas nos textos na perspectiva de uma construção histórica e política, compreendendo a linguagem como constitutiva de práticas sociais. (FISCHER, 2001, p. 198-199).



Figura 1. Sargento Camargo. **Fonte:** Pintura em Tela – Artista Cândida Ferrari – RJ – 2000. Exposto no Pavilhão de Comando do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado em Francisco Beltrão – Pr.

Partindo do pressuposto de que “o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história” (FOUCAULT, 1986, p. 146) julga-se necessariamente

considerar o caráter histórico dos discursos através de alguns conceitos relacionados ao método de Análise do Discurso.

Sem o intuito de discutir uma concepção teórica da Análise do Discurso, muito menos uma prática operacional desta disciplina, segue alguns conceitos selecionados que se apresentam como uma tentativa de problematizar o discurso ideológico incutido na narrativa militar que foi lida por mais de quarenta anos no sudoeste paranaense.

A Cena do Discurso Militar

No dia 17 de novembro de 2006, em formatura geral no 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, fora realizado traslado dos restos mortais do Tenente Camargo que se encontravam no “ossário” do Cemitério Municipal de Francisco Beltrão até a Praça Tenente Camargo no interior das instalações do quartel daquela mesma cidade.

O aquartelamento se preparou para receber o herói, sua praça foi limpa, repintada; efetuados também alguns serviços de jardinagem e, ao centro do Brasão das Armas onde ficava o fuzil Mauser cravado em homenagem ao militar foi remodelado um local pelo Pelotão de Obras para que fosse acondicionada a urna funerária.

A urna funerária foi transportada por comboio de blindados militares pelas ruas da cidade de Francisco Beltrão, sendo prestada ao herói uma série de honrarias militares destinadas aos chefes e heróis históricos, como escolta armada, formação de guarda, lanceiros, toque de silêncio pelo clarim, tiros de salva, entrega da bandeira nacional aos familiares e continências diversas.

Um fato que comoveu os presentes no evento foi o pranto de um ex-militar que na chegada dos restos mortais dirigiu-se a urna, abraçou-a, e em prantos murmurava: “Meu amigo!”. Mais tarde soube-se que este idoso se chamava Sérgio Bonetti, que na função de cabo acompanhou o Pelotão de Infantaria na perseguição aos guerrilheiros pelo sudoeste do Paraná em 1965.



Figura 2. Inumação da urna funerária contendo os restos mortais do Tenente Camargo – Praça Tenente Camargo – 2006. **Fonte:** Arquivo pessoal do autor.

Quem presencia uma cerimônia militar dificilmente não se sente entrelaçado pela onda de tradição que conduz o fato. Tais construções culturais possuem diversos elementos que resgatam o passado. Esta, porém, ainda possuía um quesito ainda mais especial, tratava-se da inumação de um militar do “*tempo presente*”¹, que possuía parentes, amigos e conhecidos entre os convidados. Identificações sociais, nostalgias, superações, narrações e reproduções de vividos se mesclavam e se ritualizavam através da representação presentificada durante o cerimonial de inumação dos restos mortais de Camargo. Costurou-se sobre um eixo simbólico o fato que amparado no tempo/espaço, nas narrativas e objetos militares da época legitimaram uma trajetória histórica na realização deste evento militar, com valorização reconhecida pelo grupo de militares e população civil local. Tal cerimonial de inumação prosseguiu após alguns instantes de comoção.

Dando sequência ao evento, o Capitão Lourenço Rômulo Innocência Júnior, realizou a leitura da biografia/narrativa do Tenente Camargo, a narrativa produzida em 1977 foi pela derradeira vez utilizada publicamente para expor a versão militar de um episódio importante, mas tão pouco estudado pela Historiografia da Ditadura Militar Brasileira.

Esta formatura/cerimonial militar movimentou a seção de Relações Públicas do quartel, qual era responsável para mobilizar autoridades civis, jurídicas e militares da região, bem como os meios de comunicação regional, professores de História, alunos do Ensino Fundamental, acadêmicos e os militares da reserva que vivenciaram os conflitos da época.

Representando a família do militar homenageado compareceram ao evento a Senhora Marines Bósio acompanhada pelo seu filho. Marines é sobrinha do Tenente Camargo, e exerce a profissão de professora do Ensino Fundamental na cidade de Francisco Beltrão.

Terminada a dobragem da bandeira, esta foi entregue aos familiares e baixada a urna funerária no centro da Praça. Enquanto esta cena acontecia, a guarda fúnebre composta por seis soldados executava tiros de salva. Era a segunda vez que o herói militar recebia a mesma homenagem, uma em 1965 por ocasião de seu sepultamento, e outra naquele instante, quando retornava ao aquartelamento 41 anos depois do episódio.



Figura 3. Vista parcial do cerimonial militar - 2006. **Fonte:** Arquivo pessoal do autor.

A entrega da bandeira aos familiares pode ser pensada como um ritual extremamente simbólico, pois adquire um significado especial para cada indivíduo tendo o poder de evocar lembranças ou sentimentos particulares. Como símbolo ela

representa “coisas” que são partilhadas pelos membros de um grupo, mascarando diferenciações pelo revestimento ideológico de “*comunidade*”; os símbolos são eficientes por serem imprecisos. (GUIBERNAU, 1997, p. 92).

Findando o evento foi baixada a tampa de concreto construída para obstruir o sepulcro, e sobre ela postada uma lápide confeccionada em mármore que contia o seguinte epitáfio: **“ORGULHOSOS TRAZEMOS DE VOLTA NOSSO IRMÃO DE ARMA. ELE CUMPRIU SEU JURAMENTO DEFENDER A PÁTRIA COM O SACRIFÍCIO DA PRÓPRIA VIDA”**.

Em ato contínuo, fixou-se um fuzil Mauser e um capacete de aço sobre o descanso do herói militar. Tanto o capacete, como fuzil, foram utilizados pelo Exército Brasileiro na década de 1960; e nesta situação se demudaram em símbolos de um militar que morreu em combate cumprindo o seu “dever”.

O Contexto do Discurso Militar

Antes de sair do cemitério a solenidade já estava sendo acompanhada pelos meios de comunicação regionais: rádios e emissoras de TV sucursais. Em nome do Comando da Unidade, o Capitão Rômulo concedeu várias entrevistas, tanto antes como depois da cerimônia, explanando e relembrando a versão institucional/oficial do contexto que envolvera a morte do militar.

Em março de 1965 quando iria completar um ano de Ditadura militar instaurada no Brasil, deu início no Estado do Rio Grande do Sul uma tentativa fracassada de contragolpe em nosso país, comandada pelo ex-Coronel de Artilharia do Exército Jeferson Cardim de Alencar Osório, tendo como seu principal assessor Albery Vieira dos Santos, ex-Sargento da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul. (MITCHELL, 2007, p. 51). Vinda do Uruguai a guerrilha seguiu por algumas cidades dos três estados do sul do Brasil.

Existe a versão de que o ex-sargento Albery, um dos exilados mais corajosos e radicais, procurou Brizola solicitando dinheiro para realizar a incursão armada e este não forneceu. Encontrando-se depois com Jeferson Cardim de Alencar Osório nasceu o movimento. Cardim era parente remoto de Castelo Branco e ligado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), veterano militante de esquerda, despertava ódio aos militares do Exército porque quebrara a ética militar casando-se com a mulher de um companheiro e

em seguida se amasiando com sua enteada, ou seja, havia perdido o respeito no meio militar. (ARAUJO; CASTRO, 1997, p. 124).

Com rapidez os dois começaram a se articular, mesmo sem apoio de Brizola conseguiram juntar mil dólares, três fuzis tchecos semiautomáticos e alguns revólveres. Arrumaram um caminhão e com vinte e três homens entraram no Brasil no dia 19 de março de 1965. (GASPARI, 2002, p. 192). Com tal efetivo, em sua maioria reunida em território gaúcho, surgiram as FALN - Forças Armadas de Libertação Nacional. (USTRA, 2006, p. 139-140).

As FALN dominaram algumas unidades da Brigada Militar gaúcha, recolhendo armas e munições destes quartéis e fazendo breves proclamações revolucionárias pela rádio local. (MITCHELL, 2007, p. 51). O grupo então se dirigiu para o Sudoeste do Estado do Paraná onde seus integrantes acabaram sendo aprisionados pela Organização Militar que viria a ser conhecida por esta campanha de “Sentinela do Sudoeste”, a 1ª Companhia de Infantaria instalada em Francisco Beltrão.

Foi no dia 27 de março de 1965 por volta das 11 horas na região de Santa Lúcia, Município de Capitão Leônidas Marques – PR, que ao pressentir a aproximação das tropas do Exército brasileiros oriundos da cidade de Francisco Beltrão, o grupo guerrilheiro realizou uma emboscada.

Esta ação armada produziu uma vítima fatal que mais tarde se transformaria em herói: o 3º Sargento Carlos de Argemiro Camargo, que foi alvejado várias vezes ao desembarcar da viatura. (AUGUSTO, 2002, p. 169). Os guerrilheiros após serem presos, foram conduzidos ao 1º Batalhão de Fronteira, localizado em Foz do Iguaçu, julgados e condenados pela Justiça Militar subordinada a 5ª Região Militar com sede em Curitiba - PR. Posteriormente foram favorecidos pela Lei da Anistia e indenizados pelo governo brasileiro.

O Enunciador do Discurso Militar

Na manhã do dia 17 de novembro de 2006, o Curador do Museu Tenente Camargo, o Capitão Rômulo Innocêncio Júnior apresentou-se para o público da formatura militar onde realizou a leitura da biografia do herói enfatizando seu ato de bravura e a realização do juramento que todo soldado faz ao assumir o compromisso no “Dia do Soldado”: de **“defender a Pátria com o sacrifício da própria vida”**. A leitura proferida por este militar não tinha apenas a intenção de divulgar conhecimento sobre o

Tenente Camargo, mas sim, estabelecer uma relação entre o passado, representado pelo herói, com o presente. Pois, “a retórica empregada no uso de capital simbólico deriva-se de um conjunto paralelo de retóricas usadas na criação de consciência histórica”. (STRATHERN; STEWART, 1999, p. 56).

Ao mesmo tempo Rômulo estava sendo em 2006 o porta-voz de uma causa política que mobilizou as Forças Armadas do Brasil por um longo período de Guerra Fria, e através de sua linguagem a memória estava sendo mais uma vez socializada e evocada. Porém agora não havia mais a intenção de mobilizar massas contra a ameaça comunista, mas sim heroizar um integrante do Exército, e através deste ressaltar a função histórica da Instituição Militar para a sociedade brasileira.

Era um discurso de linguagem engajada, mobilização, de ativismo, de dimensão ufanista, legitimação de ações e de uma memória política que brotava e emergia de testemunhos dentro de um quadro de sociabilidade, que foi capaz de reconstruir fundamentação comum afetivamente entre a memória individual dos soldados e dos pioneiros, pois “o poder quase mágico das palavras resulta do efeito que têm a objectivação e a oficialização de facto que a nomeação pública realiza a vista de todos” (BORDIEU, 1998, 117).

A agregação de valores, das normas, dos resíduos históricos e a transmissão de saberes e fazeres fez com que essa biografia sucinta tornasse uma narrativa intergeracional de transmissão de domínio público representativo tanto no horizonte simbólico, como meio cultural.

Com o término da leitura a posição de sentido fora tomada pelos militares cumprindo a ordem emanada pelo clarim, e com o tom vibrante e altivo, fora cantado o Hino Nacional brasileiro como maneira de coroar o retorno do herói à caserna.

As Condições de Produção do Discurso Militar

Compreendemos que as condições de produção de um discurso estão intimamente ligadas com a questão do sentido literal, ou seja, ela é constitutiva do sentido. Desta forma passam a contar desde determinações do contexto mais imediato (ligados ao momento da interlocução) como mais amplos (ligados à ideologia). (ORLANDI, 1983, p. 149).

A bibliografia do Tenente Camargo, a narrativa do episódio e o seu sequente processo de heroização fizeram parte de uma atividade política institucional que

esteve presente nas Forças Armadas após 1964. Ainda hoje o Exército como instituição nacional promove e idealiza ações com o intuito de valorizar e nutrir a memória. Tal memória foi/é fundamental para o sentimento nacional e elaboração de consciência política e identidade comunitária dentro de um pensamento romântico da construção de um herói, utilizando para isso uma série de conjuntos simbólicos com fins políticos.

O texto em anexo foi produzido em 1977, dentro de um contexto amplo, qual procurava legitimar ações através da figura construída de um herói militar, vinculada a um ato tido como heróico (morrer pela pátria) que por sua vez pertencia a uma ideologia/formação ideológica² militar.

Num contexto próximo das condições de produção podemos referenciar a política de promoção dos comandantes nas Forças Armadas através do conceito que premia as ações que valorizem a história da Instituição Militar. Ações que podem ser exemplificadas como a construção de monumentos, elaboração de pesquisas históricas, nomenclaturas históricas, confecção de estandartes e heroicização de figuras históricas. Ou seja, os comandantes que realizam este tipo de ações estão mais próximos das promoções seguintes previstas em seu plano de carreira, e futuramente ao generalato.

Os Enlaçamentos no Discurso Militar

Dominique Maingueneau convenciona o termo “enlaçamento” como os processos pelos quais um texto de uma formação discursiva reflete sua própria enunciação. (MAINGUENEAU, 1989, p. 69). Ou seja, a dupla possibilidade de ler uma obra: a primeira como um texto doutrinário ligado a uma instituição (define um ideal enunciativo); e a segunda como uma tematização de regras que atuam nas comunidades discursivas ligadas a esta instituição (seus integrantes e comunidade local).

A narrativa analisada neste estudo se identifica na classificação dada por Maingueneau como um texto de “quarto grau”, pois revela uma doutrina institucional dada pelo posicionamento político do Exército; descreve um ideal enunciativo da própria instituição para com os seus integrantes e às comunidades discursivas ligadas ao Exército; e por último, transmite essa doutrina que coincide com a descrição do ideal enunciativo. Ideal enunciativo que se confunde com o percurso/história da Instituição Militar com a descrição do mundo e a definição do ideal enunciativo do texto.

A narrativa voltada a heroicização do Tenente Camargo teve finalidade de proporcionar uma tipificação de conduta desejada aos integrantes do Exército, apolítica

e comprometida com os deveres militares, ou seja, evitar o surgimento de novos “lamarcas”.

Ao mesmo tempo, estava voltada para inculcar na população civil a crença de que o Exército devia ser visto com o guardião da nação e defensor dos preceitos morais ameaçados pelos guerrilheiros comunistas. E que está vigilante a isso, sendo necessário para o desenvolvimento saudável da nação. A trapaça discursiva que segue o percurso temático da “salvação da pátria” foi usada milhares de vezes pelos que falavam a palavra do poder depois de 1964. (FIORIN, 2000, p. 41). Neste sentido cabe-se reafirmar que o elo crucial entre o fazer e o dizer de uma comunidade representa o ponto cego do discurso. (MAINGUENEAU, 1989, p. 70).

As interdições do Discurso Militar

O filósofo Michel Foucault supõe que em

toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem a função de conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesa e temível materialidade. (FOUCAULT, 2010, p. 8).

Segundo este mesmo autor, o procedimento de exclusão mais conhecido é a interdição, pois não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. (FOUCAULT, 2010, p. 9). Da mesma forma o discurso em forma de narrativa ao Tenente Camargo realizado em 2006 passou por um processo de triagem e adequação a situação presentista.

Um tópico importante que deve ser ressaltado é que, no ano de 2006, em todas as entrevistas e notas à imprensa foram excluídos os termos “Brizola” e “comunistas”. Houve um pedido do Comandante 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, o Major Marcelo Lorenzini Zucco, que não se fizesse referências ao líder nacionalista da década de 1960, Leonel Brizola. Segundo ele não havia intenção de alimentar antigos conflitos políticos, mas sim relembrar o ato heróico do militar que cumpriu o juramento de “DEFENDER A PÁTRIA, SE PRECISO FOR, COM O SACRIFÍCIO DA PRÓPRIA VIDA!”.

Da mesma forma foi excluído na leitura da narrativa em anexo o termo “guerrilheiros”. A narrativa lida no cerimonial militar era embasada subjetivamente de

aconselhamento e fortalecimento comum, articulada ao sacrifício do militar e recheada de mensagens de identidade cívica e cidadania social que emocionou os presentes. Mas o mais interessante foi adaptação da narrativa ao tempo presente, as exclusões dos termos, como já referenciado: “Brizola” e “comunistas”.

Não se trata de uma forma de reconstruir um passado histórico dito “apropriado”, mas sim, de uma nova forma de contar o velho e de adaptação do discurso às necessidades do presente e da sociedade contemporânea. Pois as identidades mudam com as gerações, transformando seu conteúdo representativo, muitas vezes afrouxando as suas raízes.

A viúva do Tenente Camargo, Maria da Penha de Camargo, foi convidada, mas recusou o convite de participar da cerimônia alegando não estar em condições de saúde para se deslocar de Curitiba para a cidade de Francisco Beltrão. Também afirmou que pelo trauma que viveu pela viuvez no recém-casamento, preferiu nunca mais retornar a Francisco Beltrão. Seu filho também residente na capital do Estado do Paraná, Carlos Argemiro de Camargo Junior, médico patologista, agradeceu a atitude do Comando Militar, mas segundo ele próprio, por motivo de trabalho, não pode comparecer.

É evidente que Maria da Penha também possua motivos pessoais para não comparecer ao evento! Pois ela ainda recebe a pensão do falecido, mesmo constituindo união estável, o que não é permitido por lei. Conversas informais afirmam que o receio de perder a pensão de viuvez fez a mesma não comparecer ao cerimonial. No entanto, esta questão não fez parte do discurso oficial manifestado pela instituição durante o evento.

Outro caso de interdição do discurso lido no evento foi a versão de que o tiro que matou o Tenente Camargo fora um “tiro amigo”. Sempre houve relatos dentro do aquartelamento do Exército de Francisco Beltrão, vindo particularmente dos militares mais antigos, que apresentam a “tese do tiro amigo”. Entretanto, jamais houvera qualquer manifestação formal sobre o assunto, talvez pela complexidade do tema, pois se trata de um caso político que ocorreu durante o Governo Militar, os participantes ainda estão vivos e há o medo de represálias ou punições logo, tudo isso ainda possui reflexo no tempo presente.

Evidentemente, acredita-se que se este fato por ventura ocorreu, não fora intencional, e tenha sido um acidente. Mas tens a convicção de que a divulgação de uma ocorrência deste nível seria interdita. Admitir uma notícia (erro) deste porte no contexto de conturbação política em que o país vivia no ano de 1965 seria admitir a

incompetência das Forças Armadas nas Operações de Contraguerrilha. O que se apresenta aqui são apenas hipóteses baseadas nas conversas informais que perambulavam dentro do aquartelamento de Francisco Beltrão durante o cerimonial militar.

Os Efeitos de Sentidos no Discurso Militar

Eni Orlandi nos ensina a pensar o discurso não como uma transmissão de informação, mas sim como efeito de sentidos entre os locutores, e esta é uma questão para realização de uma análise do discurso. (ORLANDI, 1983, p. 149).

Neste sentido, cabe ajuizar que ainda em 2006 a Instituição Militar continuava realizando a *paidéia* política regional, utilizando como instrumento de produção o discurso de uma causa política que agitou as Forças Armadas no século passado. Tendo como materialidade a construção simbólica de um herói militar, qual se efetivou como um mecanismo e atividade prática que o Exército brasileiro utilizou para consolidar através de símbolos materiais e imagéticos a luta contra o comunismo no sudoeste do Paraná, convinha exemplificar a toda a nação através da institucionalização do herói militar Tenente Camargo.

Sabemos que a sociedade aceita algumas instituições e costumes, os quais julgam positivos, selecionam hábitos que consideram bons e os inculcam em seus integrantes. No entanto, nem sempre estes hábitos são produtos do discernimento da consciência de cada um. A formação do cidadão é trabalhada através da formação de consciência histórica e cívica; modelos, vidas exemplares, rituais cívicos entram nesta formação constituindo um ser nacional, de classe e regional, munido com noções de valores, ordem, lei e justiça. (LOVISOLO, 1989, p. 16-28). Assim ocorre a valorização de uma memória como identidade.

Como tática de guerra psicológica, durante a segunda parte do século XX, a Instituição Militar elaborou a construção de uma memória coletiva com base comum em prol do recém-instaurado Regime Militar, servindo-se para esta tarefa em âmbito regionalizado do culto ao herói como forma de educar civicamente a população em geral em relação à política bipolar da Guerra Fria.

Pode-se afirmar que o Exército elaborou a maior, e talvez a mais bem sucedida, edificação simbólica de luta contra a “subversão” no sudoeste do Paraná através da heroização do Tenente Camargo. E que, mesmo com a ameaça comunista extinta, o

referido militar permanece fazendo parte do cotidiano da população local através dos signos a ele relacionados, sinal de que a construção de sua tradição foi um objetivo alcançado em plenitude. Além disso, é no “imaginário” que ele ainda vai perdurar por muito tempo, pois seguidamente um soldado recruta durante o seu serviço noturno de guarda o quartel, vê vulto ou ouve ruídos nas proximidades da Praça Tenente Camargo, o onde que por enquanto, é o seu descanso.

Um Interdiscurso no Discurso Militar

Trata-se de interdiscurso a interação que determinadas formações discursivas mantém com outros textos ou enunciados, abrigando novidades, imitações, mudanças ou continuidades. Interceptar os interdiscursos dentro de um texto seria perceber o seu caráter de complementaridade e interdependência.

Para Foucault não há

enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. [...] Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências. (FOUCAULT, 1986, p. 114)

Neste sentido, considerar a “interdiscursividade significa deixar que afluam as contradições, as diferenças, inclusive os apagamentos, os esquecimentos; enfim, significa deixar aflorar a heterogeneidade que subjaz a todo discurso”. (FISCHER, 2001, p. 212). Torna-se adequado afirmar que um determinado discurso é um espaço de troca entre vários discursos precedentes, ao mesmo instante que um discurso político ideológico pode ser pensado através do viés de reapropriação.

Dentro da narrativa ao Tenente Camargo, percebe-se o interdiscurso presente no seguinte trecho:

Assim, não devemos esquecer jamais o dignificante gesto do Sargento CARLOS ARGEMIRO CAMARGO, pois a esmo encarna a espiritualidade heróica das palavras de um militar brasileiro, no passado:/ SEI QUE MORRO, MAS O MEU SANGUE É DE MEUS COMPANHEIROS, SERVIRÁ DE PROTESTO SOLENE CONTRA A INVASÃO DO SOLO DE MINHA PÁTRIA. -

O texto supracitado trata-se de uma mensagem enviada pelo Tenente Antônio João Ribeiro, Comandante da Colônia Militar de Dourados na Província de Mato Grosso, momentos antes de tomar em combate. Em dezembro de 1864 enquanto

liderava um efetivo de quinze homens acabaram fuzilados por tropas paraguaias ao defender a colônia. Em sua homenagem foi erguido monumento lhe dado o título de Patrono do Quadro Auxiliar de Oficiais do Exército brasileiro.

O discurso/narrativa analisada apresenta esta associação de forma não ocasional com a morte do Tenente Camargo, morto de forma duvidosa no sudoeste do Paraná, com um herói da Guerra do Paraguai que se deu em sacrifício. Sendo esta afirmação legitimada pelo dado de que Camargo não fora voluntário para o combate à guerrilha, sendo escalado contra sua vontade, e que tentou se ausentar alegando trabalhos burocráticos acumulados.³

Sabe-se que todas as sociedades instalam seus “guardiões” do sistema e dispõem de certa técnica de manejo das representações e símbolos. (FÉLIX, 1998, p. 142). O Exército produziu durante o Regime Militar um “sistema de representações” que traduziu e legitimou uma ordem. E neste caso, se utilizou da força do heroísmo, “que tem a finalidade moralista, servindo para avaliar e dirigir capacidades e condutas”. (MICELI, 1997, p. 10).

Deve ser levado em consideração também que o Estado, durante o Governo Militar, avocou para si o papel de criador da identidade nacional, responsável simultaneamente por promover o progresso e manter acesa a memória nacional. (OLIVEN, 2000, p. 80). O que o fez com certo sucesso no que tange o processo de heroicização do Tenente Camargo, que pode ser identificado como uma das maiores construções simbólica na luta contra a “subversão” no Brasil militarizado.

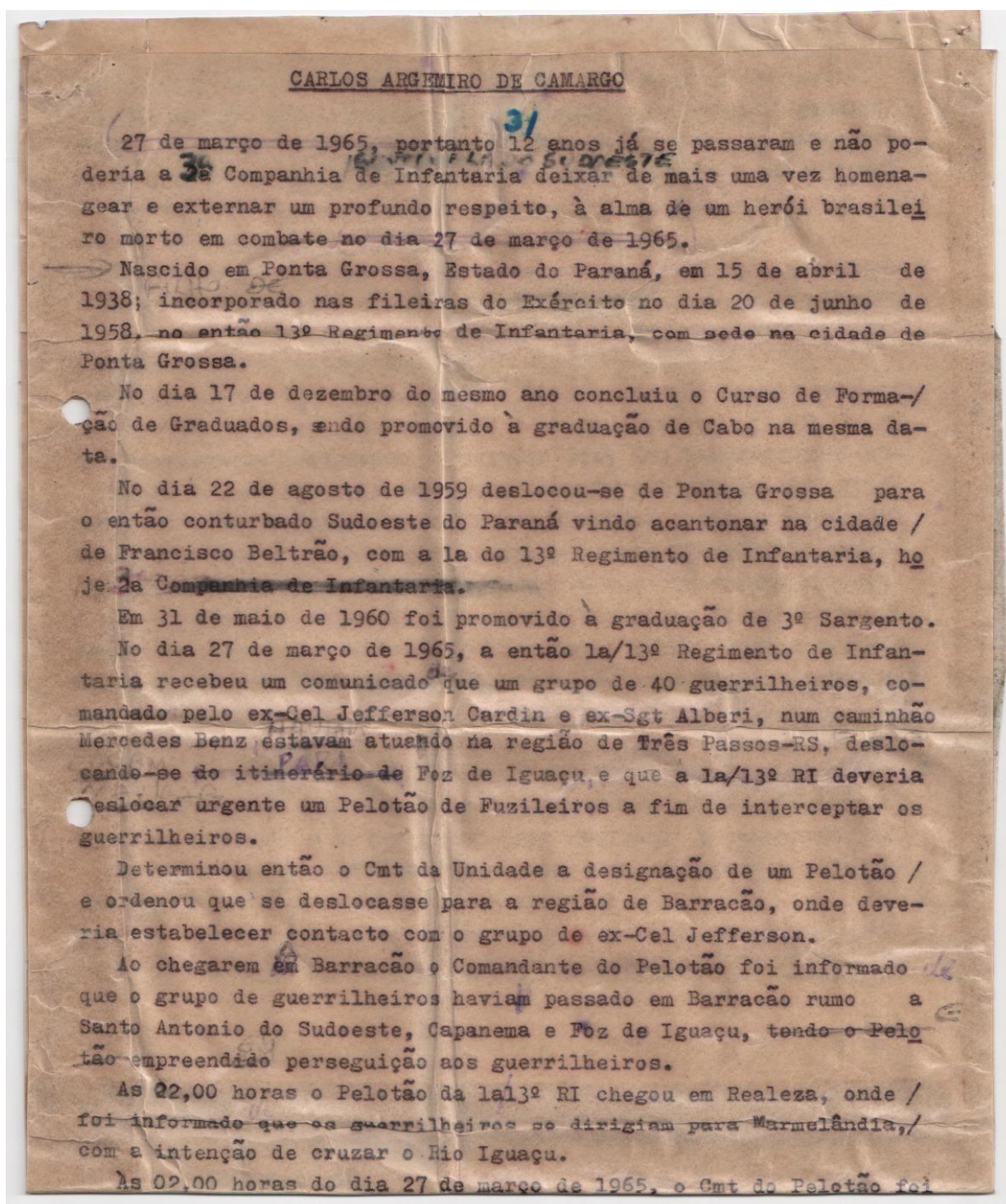
Referências Bibliográficas

- AUGUSTO, Agnaldo Del Nero. **A grande mentira**. Rio de Janeiro: Bibliex Editora, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas Lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios**. Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, nº 3, p. 111-124, maio/jun., 2000. Disponível em: www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/. Acesso em: 25 de julho de 2012 as 18hrs30min.
- FÉLIX, Loiva Otero. A fabricação de carisma: a construção mítico-heroico na memória republicana gaúcha. In: FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. (Orgs.) **Mitos e heróis: construção de imaginários**. Porto Alegre: Ed. Universidade /UFRGS, 1998.

- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, novembro/2001.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.
- GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- GUIBERNAU, Monserrat. **Nacionalismo: o Estado Nacional e o nacionalismo no século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 16-28, 1989.
- MAIGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1989.
- MICELI, Paulo. **O mito do herói nacional**. São Paulo: Editora Contexto, 1997.
- MITCHELL, José. **Segredos à direita e à esquerda na ditadura militar**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2007.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- STRATHERN, Andrew e STEWART, Pamela J. “Global, nacional, local: escalas móveis, temas constantes”. In: BARROS, João Rodrigues (Coord.) **Globalização e identidade nacional**. São Paulo: Atlas, 1999, p. 51-52.
- USTRA, Carlos Alberto Brilhante. **A verdade sufocada: a história que a esquerda não quer que o Brasil conheça**. Brasília: Editora Ser, 2006.

ANEXO I

Narrativa sobre o Tenente Camargo. **Fonte:** Livro de Memória ao Tenente Camargo – 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado – Francisco Beltrão - Pr.



informado pelo Cmt de Cavalaria-Santa Rosa-RS, que também vinham / em perseguição aos guerrilheiros, que o grupo de guerrilheiros já haviam cruzado o Rio Iguaçu.

Diante dessas informações o Pelotão da 1a/13ª RI seguiu em direção a Marmelândia, cruzando o Rio Iguaçu indo em direção a Capitão Leonidas Marques.

As 11,00 horas o Pelotão estabeleceu contacto com os guerrilheiros, tendo o Ten Lemos Comandante do Pelotão da 1a/13ª RI, / descrito o desenrolar da seguinte maneira:

"Ia na cabine da viatura o Ten Comandante do Pelotão, o 3º / Sargento Camargo e o motorista, Cabo Bertussi. A carroceria estava ocupada por quinze homens. A meio caminho entre São José e Santa Lúcia, numa curva de estrada, deparamos com um indivíduo, vestindo o 5º Uniforme de Oficial do Exército, sem a túnica, portando na cintura uma pistola e na mão direita, segurando ao longo da perna, uma arma grande. A viatura parou a mais ou menos dez metros do indivíduo, enquanto os ocupantes abandonavam a viatura e se abrigavam na estrada. Comcomitantemente, os primeiros tiros foram disparados contra o caminhão ainda com alguns soldados procurando abandoná-lo. A 1a/13ª RI respondeu rápido e violentamente ao fogo recebido. Os primeiros momentos foram de confusão.

O Cmt do Pelotão e os Sargentos conseguiram impedir que a tropa retrocedesse, acalmando e gritando para que permanecessem onde estavam. Após cerrado tiroteio e tendo o Pelotão da 1a/13ª RI dominado a situação, notamos que o 3º Sgt Camargo estava baleado, e minutos depois estava morto".

Nesta oportunidade em que se comemora o 13º aniversário da morte do 3º Sgt CAMARGO, concita-nos ao permanente estado de alerta lembrando que o inimigo está ativo e não nos poupará o sacrifício da própria vida, em qualquer oportunidade.

Assim, não devemos esquecer jamais o dignificante gesto do Sargento CARLOS ARGEMIRO CAMARGO, pois o esmo encarna a espiritualidade heróica das palavras de um militar brasileiro, no passado: / SEI QUE MORRO, MAS O MEU SANGUE E DE MEUS COMPANHEIROS, SERVIRÁ DE PROTESTO SOLENE CONTRA A INVASÃO DO SOLO DE MINHA PÁTRIA.-

¹ O conceito de história do tempo presente se refere aos acontecimentos das últimas quatro ou cinco décadas, onde atitudes e atores ainda regem influência na sociedade atual e seu estudo “*constitui um lugar privilégio para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social.*” FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, n° 3, p. 122, maio/jun., 2000.

² Formação ideológica deve ser compreendida como “uma visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo”. (FIORIN, 2000, p. 32).

³ Entrevista com o Subtenente da Reserva Sessuaf Micessuaf Polanski, Sargento Rádio-operador do Exército na Operação de Contraguerrilha de 1965.